

Raízes do Pantanal: cultura e literatura tecidas por Augusto César Proença

Eudes Fernando Leite* 

Alexandra Santos Pinheiro** 

Considerações iniciais

São homens, filho, e os homens foram feitos para morrer (*Raízes do Pantanal*).

A narrativa literária de Augusto Proença (1989), *Raízes do Pantanal*, pode ser aproximada de obras clássicas da literatura brasileira, a exemplo de *Vidas secas* e *Grande sertão veredas*. Aproximam-se porque imprimem as emoções, a linguagem, as ambições e as fraquezas de quem vive da/para a terra. Alagada, seca, saqueada, odiada e amada, a terra conecta as personagens literárias de Graciliano Ramos, de Guimarães Rosa e de Augusto Proença. E assim, situada como literatura regional, *Raízes do Pantanal* oferece “um modo adequado de entender como funciona, ou pode funcionar, o processo de mundialização de todas as relações humanas” (POZENATO, 2003, p. 149). Um enredo que “mostra um punhado de seres comprimidos num horror, de um cotidiano sem saída. No sufoco”, conforme destacou a crítica de Edilberto Coutinho (*apud* PROENÇA, 1989, p. 10).

Augusto Proença¹ é, por nascimento, Augusto César Gomes da Silva, e descende de uma família tradicional da Nhecolândia, uma das sub-regiões pantaneiras, localizada no atual município de Corumbá, no estado de Mato Grosso do Sul. Adotou o sobrenome de Proença por ligações familiares e influência intelectual advindas do conhecido intelectual Manoel Cavalcante Proença. A reivindicação de suas origens familiares busca explicar a opção e “vocação” para a escrita, destacando a existência de outros escritores e poetas no núcleo familiar (LEITE, 2011). Inspirado ou não pelas origens familiares, o fato é que Proença, pelo conjunto de sua obra, é reconhecido por seu estado, ocupando, inclusive, assento na Academia Sul-mato-grossense. Entre memória e ficção, teceu suas obras, impregnadas do Pantanal e de sua gente pantaneira. *Raízes do Pantanal*, foco da presente análise, é seu segundo livro publicado, nascido dez anos depois de *Snackbar* (1978).

A abordagem ao livro de Augusto César Proença, neste texto, caminha na direção de compreender os sentidos da narrativa, pontualmente de seu conteúdo, identificando e analisando as conexões com a história de afazendamento de uma porção do Pantanal brasileiro. Um ambiente complexo que, no

* Professor Doutor Titular da Graduação e Pós-graduação em História da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD), Dourados, Mato Grosso do Sul, Brasil. E-mail: eudesleite@ufgd.edu.br

** Professora Doutora Associada da Graduação e Pós-graduação em Letras da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD), Dourados, Mato Grosso do Sul, Brasil. E-mail: alexandrapinheiro@ufgd.edu.br

¹ Enquanto este artigo circulava, entre a revisão pelos pares e os ajustes solicitados aos autores, Augusto Proença faleceu em Campo Grande, Mato Grosso do Sul, no dia 11 de junho de 2023, aos 86 anos de idade.

desdobrar da trama, adquire um destaque diante de sua magnitude e, ao mesmo tempo, interpela e é interpelado pelas personagens humanas. O adentrar em *Raízes do Pantanal* decorre da curiosidade de entender alguns componentes (ou a matéria-prima) que sustentam as representações literárias – e histórica – a respeito de homens, mulheres e ambiente, compactados na escrita de um “escritor nativo”. Proença cresceu nos ambientes das fazendas pantaneiras, mas também transitou em outros espaços, sem se deslindar de um fardo memorativo produzido pela ação de seus antepassados. O subtítulo “Cangas e Canzis” pode ser tomado enquanto metáfora para afirmar que Augusto Proença ideou e teceu a trama de *Raízes* fortemente sinalado por sua história de vida, em meio às memórias da conquista e da formação das grandes fazendas de gado no Pantanal, próximo a Corumbá, a partir das décadas finais do século XIX.

A literatura regional, que no passado já foi vista como algo menor, preocupada mais com o tema do que com a elaboração estética, ganhou o seu reconhecimento a partir de trabalhos como o de Pozenato, citado anteriormente, e o de Ligia Chiappini, estudiosa do regionalismo Sul-rio-grandense. Foi por esta nova valorização da literatura regional e por seu valor estético, que o livro de Augusto Cesar Proença ganhou o Prêmio Brasília de Ficção, no ano de 1985. Na leitura desta narrativa, de fato, sobressai o tema principal: o homem/a mulher pantaneiro/a e a sua ininterrupta travessia pela desafiante geografia da terra pantaneira, também ela uma personagem no romance. Por outro lado, este tema ganha, pela capacidade criativa de Proença, uma tessitura literária. Ou seja, a organização das vozes e das palavras contribuem para que o leitor sinta a força da saga do pantaneiro.

Conforme defende Valdeci Rezende Borges (2010, p. 96), o texto literário “expressa aspectos múltiplos do complexo, diversificado e conflituoso campo social no qual se insere e sobre o qual se refere”, mas esta expressão é realizada “pelo filtro de um olhar, de uma percepção e leitura da realidade”. Em suas particularidades, a literatura regional oferece imagens que nos forçam a pensar em identidade, em cultura, em um Brasil diverso, embora tomado por uma política de apagamento desta diversidade. Pautada na ideia de um espaço periférico ou complementar ao nacional, a própria noção de região foi objeto de reflexões de geógrafos e historiadores, dedicados a entender os aspectos ideológicos e representacionais empregados para nutrir de sentido acontecimentos nem sempre considerados como de importância para os centros econômicos, sociais e políticos de uma sociedade. Ao mesmo tempo, a região pode ser tomada enquanto um fenômeno que visa justificar interesses diversos, garantindo reposições que relativizam uma certa ideia de marginalidade, condição que revela a complexidade do conceito e de sua funcionalidade. Para o historiador Durval Albuquerque (2008, p. 62):

A região é também produto dos devaneios, dos sonhos, das utopias, dos investimentos imaginários, das simbologias, dos mitos, das lendas, das invenções poéticas e estéticas dos homens. [...] As regiões, como qualquer recorte espacial, qualquer instituição ou construção espacial humana, são produtos de elaborações poéticas, de elaborações que chamaríamos de ficcionais, não no sentido de que não teriam compromisso com a verdade, que seriam mentirosas, mas de que são produtos das operações de dotação de sentido com que os homens procuram dominar o caos das coisas à sua volta. As regiões nascem de investimentos de sentido, da produção de sentidos: nascem da busca por organizar o mundo, por ordená-lo, por esquadrihá-lo, por classificá-lo, por dominá-lo.

A escrita e as temáticas assumidas por Proença estão perfiladas no escopo da ideia do regional ao trazer um cenário peculiar – o Pantanal – e dotar esse lugar de um sentido no interior de sua trama; impõe um certo formato ao ambiente que veste, a partir dessa tonalidade, uma identidade consistente para implicar sobre as ações das personagens humanas. A região pantaneira adquire, na escrita proenciana, um lugar de personagem composto pela flora e pela fauna a agir e a reagir em face dos deslocamentos do humano. O Pantanal de Proença é algo maior que um lugar físico porque é resultado dessa condição material/natural em diálogo fremente com a memória do autor e da sua atividade laboral. De sua capacidade de inventar uma ambiência que caiba no texto literário, implicando na presença de um cenário que impacta nas dimensões existenciais do humano.

Por fim, esta região pantaneira ganha, na narrativa de Proença, cores fortes, marcadas pela dureza da lida com a terra e com o gado; pela desesperança e também pela resiliência em seguir a travessia, despistando-se da água, dos animais selvagens e da escassez de alimento. Sempre caminhando na expectativa da terra firme, que possibilite o eterno recomeçar. É tempo de chuva, de cheia de rio, uma paisagem que impulsiona marido (cavaleiro), mulher e três crianças a fazerem a travessia. Na bagagem, as imagens do que foi vivido pelos antepassados dão o tom da tradição de quem parece não ter outra opção que não a de caminhar na “[...] imensidão do mundo. Vastidão comprida, se perdendo nos cafundós dos judas: lá onde o galo cria dentes e o diabo faz morada, filho” (PROENÇA, 1989, p. 78). Em *Raízes do Pantanal*, o leitor vai reunindo os retratos em fragmentos para compreender as peculiaridades do homem/mulher pantaneiro, de sua linguagem, de suas dificuldades e de sua maneira própria de viver/conviver/sobreviver/resistir, movidos entre água e terra.

Uma movência que expressa longa trajetória de enfrentamentos com os elementos da natureza, encenando componentes de uma história da conquista e colonização da região pantaneira. Em entrevista concedida a Eudes Fernando Leite, Proença enfatiza o desejo de que suas obras alcancem compor a imagem do homem pantaneiro com toda a complexidade que advém deste adjetivo:

eu quero fazer mesmo, é o homem mudando na terra, o homem trabalhando na terra, mostrar tudo isso [...] o Pantanal já é uma alegoria, é uma coisa muito diferente [...] eu quero mostrar o homem na sua realidade, na sua realidade histórica e também na atual [...] que não deixa de ser uma linguagem histórica, passado e presente [...]. (PROENÇA, 2007).

Neste ponto, é importante destacar que *Raízes* foi escrito em um período de distanciamento do Pantanal: Augusto Proença residia em Cabo Frio, em fazenda dedicada à plantação de cana-de-açúcar, quando decidiu inscrever o texto em um concurso no qual saiu vitorioso. De 1985, quando recebeu o prêmio até a publicação, em 1989, Proença foi levado a peregrinar em busca de uma editora que aceitasse coeditar com o Instituto Nacional do Livro. O autor tinha em mãos uma obra realizada a partir do desejo de construir imagens do Pantanal, tornando o próprio ambiente uma personagem dentro do enredo:

Raízes é uma [...] é uma alegoria, é um Pantanal uma recreação muito fantástica do Pantanal. Eu queria botá personagem; Raízes não tem um personagem; personagem é assim digamos um tropeiro, o grande personagem de Raízes é a terra, é o Pantanal. O cavaleiro entra apenas com uma... um, vamos supor um *backgrund*, né! (PROENÇA, 2007).

Um ano depois, Proença (2008) acrescentaria:

[...] *Raízes do Pantanal* é uma recriação literária né; é o Pantanal em voz literária, é uma ficção realmente não é a história do Pantanal, mas é uma região que se assemelha ao Pantanal e recriada em voz literária.

A opção por personagens não nomeadas, portanto, é uma escolha consciente (e acertada). A mulher/mãe, o homem/pai e as três crianças, assim nomeadas, abrem o espaço da identificação e assumem a representação da multiplicidade de homens, mulheres e crianças que lutam para viver/sobreviver à fúria da água ou à arrasada terra do Pantanal. Personagens que imprimem no leitor os sonhos que vão sendo acalentados e dizimados pela terra pantaneira. Uma atenção especial merece aqui ser dada às crianças. Elas representam a ininterrupta jornada. Herdarão a liderança da caminhada, assim como o pai herdou, um dia, de seus antepassados. Mas há a criança aleijada que, metaforicamente, pode simbolizar a manutenção das dificuldades em se preservar em pé, equilibrado, nesta terra de natureza imprevisível. É o desafio constante da edificação, do levantar-se e construir algo sustentável sobre uma terra a ser conquistada e palmilhada.

O deslocamento da família referida em *Raízes* é um tipo de metáfora sobre o passado dos colonizadores, considerados pioneiros no Pantanal, em busca de um lugar para a fixação. É um texto ficcional cujas raízes estão fixadas e se alimentam na e da história pantaneira, tomadas em formato microcósmico, encerrado em um ambiente desafiador e palco de um passado (re)vivido pelas personagens forjadas por Augusto Proença. O enredo desdobra um tipo de história cíclica, com o homem se deslocando em direção a um novo lugar, um constante movimento em direção ao firme. E o Firme passou a ser a designação da propriedade transformada em ponto irradiador da construção da Nhicolândia, a partir da chegada de um dos antepassados de Proença, na década de 1880. Foi a partir dessa propriedade que o afazendamento do Pantanal, próximo à cidade de Corumbá, se desdobraria ao longo de todo o século XX, implantando uma cultura pastoril que se consagrou como a grande atividade econômica local até os anos 1970.

Raízes do Pantanal torna-se o resultado do diálogo entre a memória e a capacidade criativa de Proença, afinal, “a linguagem e o discurso são instrumentos fundamentais por meio dos quais as representações sociais são formuladas, veiculadas, assimiladas, e de que o real-social é construído discursivamente” (RAGO, 2013, p. 30). O efeito desta construção discursiva literária se alcança, ao final, pela intersecção entre escritura e memória; literatura e história; homem/mulher e natureza.

O homem e a natureza pantaneira: intersecções

A obra de Augusto César Proença, como já destacamos anteriormente, torna tênue a linha que separa homem e natureza. A intersecção, ou o cruzamento, entre estas duas esferas se dilui ao longo da travessia. Homem, mulher, criança e a terra pantaneira se mesclam (se transformam) entre os espaços secos e molhados, entre o perigo dos bichos e os também encantos da natureza, da geografia. O homem está mergulhado no Pantanal da mesma maneira com que o Pantanal está embrenhado nele.

A memória tecida ao longo da travessia é prova disto. Nas imagens realocadas, costuradas e idealizadas há a presença do bisavô, do avô, do pai, do homem que na narrativa rememora. E vai continuar nos filhos que ele gerou. É por esta perspectiva que nos envolvemos, a seguir, na tessitura do enredo. Não obstante, em *Raízes*, há um ambiente hostil às personagens humanas que viajam em busca de um lugar para se fixar, um fixar, é preciso destacar, que impõe algum domínio sobre o mundo natural. É nesse momento que se observa a dissociação entre a representação paradisíaca do Pantanal – construída de fora para dentro –, aportando para uma imagem plana, desprovida de enfrentamentos ou contradições.

Em primeiro lugar, chamamos a atenção para o respeito da narrativa em relação a dar vida à linguagem do pantaneiro. O leitor que se aventura na saga da família ficcionalizada por Augusto César Proença não precisa, necessariamente, consultar o glossário disponibilizado ao final da narrativa para compreender que o enredo remete a uma espécie de “destino”, marcado pela conquista e perda da terra; pela resistência de uma travessia ininterrupta: os homens serão substituídos por seus filhos e as mulheres acompanharão seus maridos. Ambos precisam ser fortes para cumprir a sina da resiliência e, por isto, a presença de um filho com deficiência é causa de preocupação na narrativa, cuja linguagem é o diferencial neste enredo de dor e expectativa pela terra firme. Ana Cristina Bentes e Fernanda Mussalim (2008, p. 40) lembram que,

As sociedades de tradições ocidentais oferecem um caso particular de variedade prestigiada: a variedade padrão. A variedade padrão é a variedade linguística socialmente mais valorizada, de reconhecido prestígio dentro de uma comunidade, cujo uso é, normalmente, requerido em situações de interação determinadas, definidas pela comunidade como próprias, em função da formalidade da situação, do assunto tratado, da relação entre os interlocutores.

As personagens de Proença forjam uma reflexão em relação à linguagem diversa da variedade padrão, no entanto, esta linguagem típica do pantaneiro (e, algumas vezes, de difícil compreensão a outras regiões brasileiras) não impede que os leitores se emocionem com a saga da família que protagoniza a narrativa. A linguagem que os marca remete à mescla de identidades étnicas e a saberes provenientes das culturas que formam o pantaneiro. Como Ana Lucia Finocchio (1998) destacou em sua dissertação de mestrado, bandeirantes, nordestinos, negros, indígenas, paraguaios e bolivianos influenciaram esta linguagem e estes costumes que compõem o pantaneiro e a sua maneira de se expressar e de se relacionar com o meio que o cerca.

No glossário, ao final da obra, algumas palavras são aclaradas e, a partir dela, se desenha este mundo mesclado entre etnias, natureza e cultura. “Aranquã”, a ave que se protege em cima das árvores; a dança de roda nomeada “Cururu”; o “Malemá” e tantos outros contribuem para compor aqueles que ficam identificados com o homem e a mulher pantaneiros. A linguagem presente na obra de Proença acena para a constituição de uma identidade interior e exterior à obra. Uma vez que também o autor, filho do Pantanal, empresta imagens de suas próprias memórias na criação de suas personagens. Embora o autor tenha passado parte de sua vida vivendo e estudando fora do Pantanal, ao empregar a linguagem pantaneira na obra, ele confirma o sentimento de pertencimento àquela realidade encenada no livro:

[...] ‘pertencimento’ e a ‘identidade’ não têm a solidez de uma rocha, não são garantidos para toda a vida, são bastante negociáveis e revogáveis [...] as decisões que o próprio indivíduo toma, os caminhos que percorre, a maneira como age – e a determinação de se manter firme a tudo isso – são fatores cruciais tanto para o “pertencimento” quanto para a ‘identidade’ (BAUMAN, 2005, p. 17-18).

Augusto Proença tem a firme “determinação” de explorar esta identidade pantaneira e a linguagem empregada em seu enredo, sem dúvida, é uma forma de alcançar a força e a complexidade da constituição identitária dos sujeitos que habitam a região. Também a presença do discurso direto e da construção memorialística do protagonista contribuem para envolver o leitor. No discurso direto, as personagens expressam por si mesmas seus sentimentos, frustrações e desejos. “Ele ainda sorria?” (PROENÇA, 1989, p. 22), pergunta a si mesma a mulher em relação ao marido; “Paciência, nhanhã, só mais algumas léguas, e a gente chega” (PROENÇA, 1989, p. 22), tenta o homem amenizar o desalento da mulher na longa travessia, embora ele também desconfie do trajeto: “mas andar pra onde? Se ali atrás estavam os escombros, o grito, e na frente as águas-e-os-cocurutos-as-águas-e-os-cocurutos-as-águas-e-os-cocurutos” (PROENÇA, 1989, p. 27). A água e os cocurutos, parte da terra que se sobressai em pontos mais altos da travessia, estão marcados pelo uso do hífen, o que não poderia ser diferente. É o ponto mais alto que busca o pantaneiro, longe da água que o obriga a fazer o movimento ininterrupto.

O narrador dá contorno ao que o discurso direto não alcança apreender. Na dura travessia, há o acalento da fantasia, ligada ao universo feminino. A imaginação da mulher é o ponto de apoio às crianças que, antes de dormir, gostam de ouvi-la “contar as histórias do negrinho do rio, meio peixe, meio gente; a do vaqueiro misterioso [...]”; esse contar é um elo com a oralidade marcante de uma população rural, é uma marca existencial de homens e mulheres que vagueiam em busca de um assentamento. Uma mãe que “ralhava com jeito, não puxava orelhas, nem dava de relho, que a brabeza era de mãe mansa, carinhosa, sabia botar freio nos nervos, se controlar nos certos momentos” (PROENÇA, 1989, p. 23). Mas a sua imaginação também alcança o desejo que ela ainda acalenta pelo corpo de seu “homem pantaneiro”:

Assim sorrindo, com a tocha na mão, erguida, era ver o rosto de um bicho: olhos saltados, dentes salientes, lábios rasgados num esgar. Então, conduzida por entre pés de acuris, devagar, sobre as palhas, como que levada para dentro do escuro, sente-se atraída por este rosto de bicho. Imagina ouvir a voz ordenando: deita! Deita! – Ser dobrada pela força dos braços, sentir os dedos grossudos apertando-lhe a pele quente, tateando-lhe os trapos, puxando-os rasgando-os largando a carne nua, retesada, que aos poucos vai se abrindo, abre-se de vez para receber o vigor do corpo que lhe cai cobrindo. E num rolar de desejos, toda lambuzada de lama, aos gritos, feito bicho se imagina amando, até nascer o gozo no corpo amolecido. Na boca: o gosto amargo da terra e das palhas úmidas (PROENÇA, 1989, p. 27).

Homem e mulher estão “feito bicho”, reduzidos a instintos, na imagem criada pelo narrador. Estão ali, se encostando-encontrando, numa luta prazerosa conduzida pelos instintos pertinentes aos animais-humanos; aqueles dois, naquela jornada longa e cansativa, se entregam e se (re)unem ao mundo natural; são os animais-humanos em sua condição de pretensos apartados da natureza. A nudez aparece na obra *O animal que logo sou*, de Jacques Derrida (2002), como a consciência humana de proteger seu

corpo, de vesti-lo, de não estar nu. Mas a mulher de *Raízes do Pantanal* tem a “carne nua”, imagina-se desprovida de qualquer pudor. O corpo no barro exposto não é clandestino e aqui é preciso chamar a atenção para um segundo ponto: quem se imagina amando “feito bicho” é a mulher, de quem se esperou uma consciência ainda mais rígida em relação ao desejo, ao nu e ao gozo, como destacou a filósofa Simone de Beauvoir (1967, p. 61),

[...], a vida sexual da menina sempre foi clandestina; quando seu erotismo se transforma e invade toda a carne, o mistério vira angústia: ela suporta a comoção como se se tratasse de uma doença vergonhosa; não é ativa: é um estado, e mesmo em imaginação não pode livrar-se dela mediante nenhuma decisão autônoma; não sonha com pegar, amassar, violentar: é espera e apelo; sente-se dependente; e em perigo na sua carne alienada.

Na imaginação da mulher, há a passividade mencionada por Beauvoir. Ela espera que o homem diga “deita, deita”, mas este imaginário da carne exposta também traz o seu aspecto social. O pudor entre as mulheres foi mais atuante entre as de classe elevadas. A ausência de privacidade para viver o prazer dentro de um lar arrasta a sua imaginação para a terra, entre as moitas, longe do olhar dos meninos. Estão em movimento, nômades, na urgência do desejo da carne, não há espaço para a consciência da nudez que diferencia o ser humano da irracionalidade animal, conforme explorou Derrida.

O desejo da mulher pela ação imperativa do marido, exposto na imposição do “deitar” para a consumação do ato sexual, emerge no íntimo do feminino como uma forma oculta de lidar com o desejo sem se expor, negociando, portanto, com os códigos morais de uma sociedade machista, brutalizada em que quase não há espaço para a manifestação das demandas da mulher. Cria-se um lapso temporal na narrativa em que o desejo sexual da fêmea adquire legitimidade no âmbito da relação marido-mulher sem prejudicar os códigos de mando patriarcal, ocasionando um instante de negociação não dito, mas praticado, entre o casal.

A consciência, ser humano e natureza selvagem se confundem e, dessa maneira, animais ganham atributos humanos e homens/mulheres se entranham na irracionalidade (ou não) dos bichos. O gado, por exemplo, indispensável para a cultura pantaneira, recebe os atributos humanos. A prosopopeia faz-se necessária porque o gado é quase uma extensão corporal do homem do Pantanal. Seus sentimentos se confundem: “[...] Queimava, feito o ferro que um dia levou ao cangote; ferro quente em brasa vermelha, chiando no pelo, matando a vontade de berrar [...] – sentiu dor de nunca mais esquecer” (PROENÇA, 1989, p. 13).

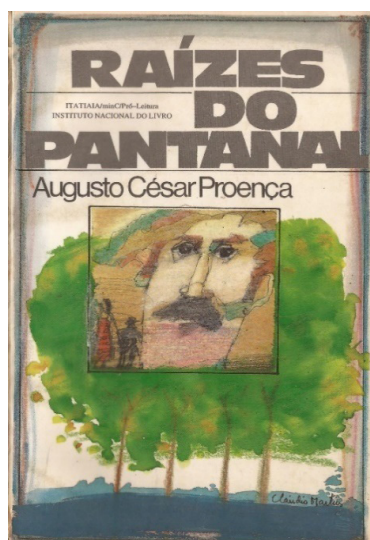
A intensa presença da relação homem e natureza pode ser referida como um componente destacável no Pantanal, aludida de forma hiperbólica e geralmente adjetivada com sinônimos que fazem referência a imagens cristã, bíblicas. Éden ou Paraíso das espécies são indicações que adquiriram poder referencial para definir ou representar o Pantanal, a partir de suas características de flora e fauna, reduzindo, muitas vezes, as experiências vitais dos pantaneiros a uma condição de sempre aprazíveis e idealizadas. Uma representação que, em boa medida, apequena a história dos e das pantaneiros/as, fornecendo informações cujo conteúdo essencializa as formas de vida no lugar, reduzindo o processo histórico a condições romantizadas e descoladas das tensões de enfrentar a complexidade do ambiente.

Mas contradições surgem no processo histórico, especialmente quando o animal-humano necessita dos demais animais ou partes deles para seu deleite, a exemplo da demanda pelos couros das temidas onças, ou ainda nos períodos dos incêndios e das enchentes. Talvez este seja um diferencial na obra *Raízes do Pantanal*. A família que protagoniza o enredo apresenta-se como intrínseca a este lugar, uma relação construída pela intersecção entre homem e natureza, um embrenhado no outro. No entanto, não há uma romantização da vida trilhada ali. Os perigos dos animais, as incertezas do futuro reservado aos filhos, o rememorar da luta de seus antepassados, dão à obra uma certa criticidade na representação de uma região à margem de vidas menos duras, amparadas pelas diferentes tecnologias presentes em regiões brasileiras menos inóspitas.

A capa escolhida pela editora Itatiaia, aparentemente uma aquarela assinada pelo reconhecido ilustrador Claudio Martins, falecido em 2018, anuncia esta narrativa provocativa de um Pantanal que se sobressai pela natureza. As personagens se enquadram por um *zoom*, dando a ideia de sujeitos pequenos diante da fauna e da flora e que só podem ser vistos com uma lente de aumento. Não é de se desprezar que no quadro que emoldura as figuras humanas, sobre as copas das árvores, o rosto masculino, de olhos negros a mirar para fora das bordas, sobre os caminhantes em plano menor, funciona como uma espécie de nuvem que se esmaece no horizonte, sugerindo um horizonte distante, quase intangível. Não há raízes na capa, mas sim frondosa copa de árvore sobre a qual sobrepõe-se um rosto humano, masculino, enquadrado e, ao seu lado esquerdo, ao fundo, uma mulher e sua criança.

Se é possível pensar em uma relação hierárquica no cotidiano pantaneiro, esta capa dialoga em coerência com a narrativa. É a natureza quem dita a necessidade do deslocamento e é o homem pantaneiro quem cumpre esta sina. Crianças e a mulher são secundários, protegidos e guiados por ele, conforme se vê a seguir:

Figura 1 - Capa do livro *Raízes do Pantanal*.



Fonte: Proença (1989).

O leitor conhecedor do Pantanal midiático depara-se com uma narrativa que não vitimiza o sujeito pantaneiro, mas que explicita uma região desafiante, envolvente e inóspita.

Espaços da memória e os sentidos da terra

A família sacoleja em sua carreta e vai dando aos leitores a dimensão da dura vida do pantaneiro. Naquela travessia, em busca de terra seca para recomeçar, a memória é ativada e agrega outras tantas personagens ao enredo. O pai, o avô, o bisavô marcam a matéria com a qual foi tecida aquele chefe de família, responsável por conduzir a carroça, por seguir adiante para salvar o futuro que aguarda seus três filhos: “[...] ligeiro vai acudir o filho: erguê-lo para que fique de pé e se acostume a andar feito homem” (PROENÇA, 1989, p. 13). Amparar o filho é ato que se repete no processo formativo humano, pautado em uma memória responsável em garantir não só uma postura ereta, mas manter um elo de saber-fazer pertinente à cultura que se reproduz e reifica certas condições do humano. Alçar o menino, neste sentido, é um ato de *performance* da memória fabricada nos grupos humanos.

Neste momento, é realizada uma forte referência ao passado de colonização do Pantanal, nos arredores da atual cidade Corumbá, no Mato Grosso do Sul. Ali, nas proximidades da Vila, o então Barão de Vila Maria fundou uma propriedade que seria ocupada e destruída pelas tropas paraguaias durante a invasão da Província de Mato Grosso. O ambiente de vivência e de parte das narrativas de Proença é a sub-região pantaneira da Nhicolândia, integrante do município de Corumbá. Essa grande área é o lugar de fazendas de criação bovina e que foi reocupada por Joaquim Eugênio Gomes da Silva (Nhéco), a partir dos anos 1880, em um complexo processo de busca e incorporação das propriedades de Joaquim José Gomes da Silva, o Barão, pai de Nhéco². A fazenda se transformou numa espécie de referencial da memória afetiva para os descendentes do Barão, entre eles, Joaquim Eugênio Gomes da Silva, o Nhéco, que, na década de 1880, desceria do norte da Província em busca de recuperar a posse das terras do Barão de Vila Maria. Nhéco acabou por iniciar outro capítulo na trajetória do afazendamento da região, fundado na Fazenda Firme, base da moderna colonização do Pantanal corumbaense. No livro está a sombra do passado: “Mas, apesar do abandono, a terra ainda vivia” (PROENÇA, 1989, p. 47).

Esse processo migratório foi monumentalizado por José de Barros, cunhado de Nhéco, em livro de memórias denominado *Lembranças para meus filhos e descendentes* (BARROS, 1959). Joaquim Eugênio e seus aparentados deram início ao afazendamento da área a partir de um lugar denominado Firme, onde todo o processo de incorporação das terras se desdobraria. Na década de 1920, a empreita de Nhéco era considerada um sucesso atestado pela atribuição de uma identidade àquela grande área: Nhicolândia. Esse é, por assim dizer, o palco existencial de Augusto César Proença e *habitat* das suas experiências criadoras na literatura; seus antepassados criaram fazendas e gado bovino; Proença forjou textos.

E a História empresta parte de seus fragmentos para a narrativa proenciana. No romance, o bisavô se fez homem sozinho ao fugir do terreiro onde cresceu seu pai. Fruto do senhor de terras e de uma indígena, seu bisavô só foi notado pelo pai biológico quando este o prendeu para castigar por estar

² A respeito das “aventuras” de Nhéco, consultar: Leite (2017).

molestando sexualmente as irmãs mais novas. Fugiu ainda moleque e aprendeu a sobreviver entre as águas e a terra do Pantanal. Fez-se homem também o seu pai, morto de maneira heroica pelos invasores, “os tais homens de língua enrolada” (PROENÇA, 1989, p. 17). Ele, pai, marido, pantaneiro fazia-se também homem, protegendo os seus.

O passado reemerge na memória do cavaleiro, uma memória com resquícios fantasmagóricos e Proença, o compilador do texto em que a história de seus antepassados sustenta a trama de suas personagens, burila eventos mortos para construir a cena. Em certo momento, o homem, o cavaleiro, se vê envolvido pelas lembranças de seus ancestrais. Figuras que apareceram a ele e a sua companheira enquanto fantasmas e garantem uma sólida recordação de que existe uma conexão entre aquela viagem em busca de um lugar para se fixar e acontecimentos pretéritos da história mato-grossense. A memória se manifesta na ação criativa do autor e, igualmente, confere sentidos às ações, às deambulações das personagens. É a memória coletiva que articula e cirze um passado quase opaco a um presente do romance, no curso do qual as pessoas repercutem suas formações biológicas e memorativas. Há nesse mesclar da carne e do espírito uma identidade, herança de antepassados pantaneiros.

Os fantasmas se movimentam e provocam as personagens, a parada para o descanso se transforma em um momento em que aquele presente de busca pelo futuro, em um espaço de fixação da família, recebe influxos de um tempo anterior, quando a guerra desestabilizou a vida na região:

Olhando os meninos que brincavam ela pega o lampião, bota mais graveto no fogo, atíça as labaredas, e é com elas que acende o pavio e vai arruma o carro, quando escuta a voz. É uma voz cavernosa que lhe chega por trás, parecendo sair das labaredas: conheço bem este lugar. Na palma da mão. Meu pai me trazia sempre aqui. Era mais taludinho que esse aí. Vi ele lutar, gritar: morreu aí nesses escombros (PROENÇA, 1989, p. 23).

O estudo de Pierre Nora contribui para pensar a importância do processo memorialístico da personagem de Proença. O homem-personagem que dirige os seus sempre em direção à terra seca e a um futuro menos árduo também é o responsável por “organizar” o passado, por redimensionar a herança deixada por seus antepassados. E, assim, na tessitura entre memória e história, as imagens que advém desta personagem nos remete a uma memória coletiva, como já expresse anteriormente. Uma memória que recupera o processo de colonização da terra pantaneira, mas que revitaliza, também, uma memória individual. Um reencontro com a resistência do avô, do pai. Um fortalecimento para “revitalizar” a sua própria resistência,

[...] memória, história: longe de serem sinônimos, tomamos consciência que tudo opõe uma à outra. A memória é a vida sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido ela está em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações, suscetível de longas latências e de repentinas revitalizações (NORA, 1993, p. 9).

A “terrinha ingrata” (PROENÇA, 1989, p. 29) conectava todas as gerações/heranças/histórias/memórias. A vida acompanhava os altos e baixos da terra. O tempo de ser dono de tudo, de ser saqueado

e de partir em busca de terra sólida para recomeçar. O contínuo encontro entre as águas e a terra vai ditando o ritmo de vida da família pantaneira. E quando houve o tempo da fartura, foi preciso lutar contra os invasores de “língua enrolada”. E eles não “quiseram ficar por aqui. Vieram, devastaram, e foram embora” (PROENÇA, 1989, p. 79). Não se identificaram com a terra pantaneira, eram exploradores, saqueadores. Quem se identifica é aquele que resiste, que permanece na prontidão para morrer por sua propriedade, como o fizeram os antepassados do homem personagem de Proença. Ou conserva-se na ininterrupta travessia pelo Pantanal, mas não fora dele. O pantaneiro de Proença e seus antepassados emanam a força de quem tem a raiz pantaneira. Nesse momento, a referência histórica pode encontrar seu porto na presença dos espanhóis que vaguearam por Xarayés – o Pantanal – entre os séculos XVI, XVII e XVIII, sem consolidarem a conquista ou aos paraguaios que invadiram a Província de Mato Grosso (1864) e permaneceram em Corumbá por mais de dois anos, no curso da Guerra do Paraguai.

A terra atua como uma personagem que vai sendo explorada em todas as suas nuances: “Vê um chão desgastado, embrutecido, inundado nas baixadas, craquento nas cordilheiras. Estufado. Abortando jacaré, sapos, cobras, bichos, que, como ele, fogem das águas, procurando lugares sobre raízes e escombros, se escondendo. Chão viscoso. Parindo filhos que morrem dentro de placentas afogadas, ou já correndo pelos caminhos das águas, nadando em corixos, transpondo margens inundadas, arrastando-se sobre balseiros pegajosos, entre macegas envergadas. Chão pantanoso, prenhe que se debatem e morrem, de repente, enterrados” (PROENÇA, 1989, p. 47). Mas assim como a terra, havia resiliência entre os que ficavam, “a terra ainda vivia” e eles também.

Em “Raízes”, a terra/solo é fértil em sua condição natural, mas é muito impactante no desenrolar dos fenômenos sociais que o romance comporta. Não é uma terra qualquer, é um componente da trama porque é um fenômeno natural conspurcado pela historicidade das memórias proencianas, *locus* de permanência das lembranças que ofertam a matéria-prima para os acontecimentos do texto. O movimento verificado na e sobre a terra pantaneira está integrado a um conjunto de elementos responsáveis por dotar aquela paisagem de um sentido especial na história. Simon Schama, a partir de outra historicidade, colabora para que se entenda a natureza enquanto um construto histórico, ou seja,

Paisagem é cultura antes de ser natureza; um constructo da imaginação projetado sobre mata, água, rocha. [...]. No entanto, cabe também reconhecer que, quando uma determinada idéia (*sic*) de paisagem, um mito, uma visão, se forma num lugar concreto, ela mistura categorias, torna as metáforas mais reais que seus referentes, torna-se de fato parte do cenário (SCHAMA, 1996, p. 70).

O mundo natural se apresenta no título do livro de Proença e sua desenvoltura parece se estabelecer em um processo de interação constante com as personagens humanas, na andança em direção a um lugar imaginado e desejado. Neste processo, há uma dicotomia constante entre a força da terra e a força do rio. Ambos ditam a trajetória dos homens,

[...] O rio toma o freio que nem cavalo chucro, se desgoverna, teimoso, vai trepando nas margens maceguentas, levando urubu em cima de barrigas estufadas, camalotes, ranchos, plantações, tudo. E, de quebrada em quebrada, vai engrossando sem tomar juízo, desbeijando

barrancos, se abrindo em baías, se afinilando em boca de corixos: avança afogando telhas, expulsando famílias, desabrigando homens. Matando (PROENÇA, 1989, p. 68).

Importante pensar como é posta na obra a dicotomia entre terra e rio. De acordo com o dicionário de símbolos, a terra teria a função de amparar, de sustentar. O verbete ainda remete ao imaginário bíblico, associando-a ao nascimento/criação. Por último, a terra seria a “grande mãe”, aquela que dá origem, que protege, que sustenta. O rio, por sua vez, está associado à morte e à mudança constante, tal qual se revela na narrativa de Proença. Ao se afastar das cheias do rio, é da morte que a família foge, buscando abrigo em “terrinha ingrata”, protegida por ele e por seus antepassados, mas que sucumbe constantemente à força do rio.

E Augusto Cesar Proença tenta não perder nenhuma perspectiva de vista. O pantaneiro resiste por suas raízes e também por uma consciência política em relação ao lugar de pertencimento. Dirigindo-se ao filho, o homem constata:

Enquanto o dinheiro não tiver uma função social para dar ao homem do campo pouco mais de dignidade e não existir gente capaz de defender a região acima dos interesses próprios e da politicagem corrosiva – esta terra será sempre assim, filho: uma riqueza pela metade (PROENÇA, 1989, p. 73).

O texto, escrito há 33 anos, revela-se atemporal. O Pantanal segue resistindo por meio daqueles que se identificam, que têm raízes em seu solo, que guardam a memória de si e de seus antepassados. Mas a região também segue ameaçada por exploradores, por aqueles que, sem nenhuma identificação, buscam apenas riquezas. “Riqueza pela metade” porque é dotada de ricas condições naturais, mas que delega aos seus uma dura luta pela sobrevivência. Entre criticidade, medo e expectativa, os pensamentos/memórias da personagem vai se revelando. Citamos novamente o trabalho de Pierre Nora:

[...] todos os lugares de memória são objetos no abismo. Esse mesmo princípio de duplo pertencimento que permite operar na multiplicidade dos lugares, uma hierarquia, uma delimitação de seu campo, um repertório de suas escalas. Se vemos efetivamente as grandes categorias de objetos que sobressaem do gênero, tudo o que vem do culto dos mortos, tudo o que sobressaí do patrimônio, tudo o que administra a presença do passado no presente – está portanto claro que alguns, que não entram na estrita definição, podem isso pretender e que inversamente, muitos [...] devem de fato ser excluídos (NORA, 1993, p. 12).

O estudioso está refletindo sobre o trabalho do historiador, mas tomamos este fragmento para pensar o esforço do narrador em organizar, conduzir as memórias do personagem pantaneiro. Ele opera em duas instâncias, no presente, quando resiste às adversidades do Pantanal, e no passado, “no culto dos mortos”, como define Nora. Se, em uma narrativa histórica sobre o Pantanal, pode passar despercebido, “excluído”, as micro-histórias dos sujeitos pantaneiros, na narrativa literária de Proença estas vidas se revelam com todas as suas contradições, conduzindo os leitores a conhecer o Pantanal a partir de suas perspectivas.

Raízes do Pantanal é um livro derivado da alquimia memorativa de Augusto Proença. No grande palco – o Pantanal – com o movimento e a *performance* das personagens que desembaraçam um enredo nutrido pela história de colonização do Pantanal, especialmente na atual sub-região conhecida por Nhecolândia. O autor retoma o emaranhado de informações advindas da memória familiar, associadas a outras tomadas em fontes distintas para articular uma narrativa em que a experiência pretérita adquire novas cores e passará a cumprir novas tarefas na contemporaneidade. Acontece então um escrito que tem na base empírica uma experiência vital, de outrora, mesclada a capacidade laborativa do autor, um demiurgo que à luz de Michael Pollak (1992) adquiriu *a memória por tabela*, não esteve no enredo da história acontecida, mas é produtor da história desamarrada pelas personagens de *Raízes*. A memória tomada por Proença é um fenômeno produzido social e culturalmente, e sua apropriação se dá, igualmente, na condição de uma formulação identitária importante para sustentar o texto e legitimar a autoria. A memória que sustenta a criação literária é, ao mesmo tempo, um repositório informativo de onde surgem elementos de enredo que permite ao cavaleiro se mover na espreita de um lugar vital.

Considerações finais

E assim, entre passado, presente e anseio por um futuro em terra firme e produtiva, o leitor acompanha a narrativa de Augusto César Proença. Vê crescer retratos de uma região brasileira desafiante. Imagens permeadas de uma narrativa que oscila temporalmente, muito provavelmente porque precisa desvelar as raízes do Pantanal, mas que destaca a força identitária de quem não vai abandonar o seu território: “E vendo o homem sorrir, a mulher também se reanima: ‘Arre, já é hora de botar o arroz no fogo, abrir o sapicua de matula, fazer o feijão’” (PROENÇA, 1989, p. 21). A memória do autor se manifesta no texto ficcional por meio da personagem: o homem/marido/pai. Ele conduz a família pantanal adentro, na mesma medida em que conduz a própria memória familiar, invocando aqui e ali acontecimentos do passado e integrantes da história de seus antepassados.

O conteúdo de *Raízes* é uma representação literária da colonização de uma pequena porção do Pantanal, hoje sul-mato-grossense, no interior de uma narrativa que reúne humanos em movimento e ação, em um mundo natural exuberante e desafiador. Sua estrutura igualmente se alimenta de acontecimentos históricos pertencentes ao passado pantaneiro. A alegoria, nos termos de Augusto Proença (2008), instala uma imagem para eventos que integram o processo de deslocamento dos antepassados do autor da porção norte do Pantanal em busca de terras para a fundação de fazendas.

Augusto César Proença, ao escrever *Raízes*, produziu um romance importante, basilar para compreender a potência do ambiente pantaneiro que progressivamente foi incorporado às demandas humanas. No texto, se fazem presentes muitos fragmentos da história da colonização não indígena da região, algo que coloca no centro da narrativa as frequentes relações entre o homem – e a sociedade – e o mundo natural, acontecimento que produz a cultura, uma marca indispensável da história. Parte expressiva da obra proenciana é um campo em que habitam fragmentos da história da sub-região pantaneira da Nhecolândia e que são frequentemente *arreglados* na composição das tramas literárias formadoras de uma ambiência histórica. Esse autor, um “nativo”, se forjou num tipo de intelectual

dedicado a manusear memórias, em um movimento insistente para fazê-las história, produzindo certos monumentos literários dedicados ao passado-pioneiro.

No sacolejar do carro de boi, embalado pela memória de seus antepassados e na responsabilidade de cuidar de sua prole, o homem deixa-se conduzir pela esperança de dias melhores: “[...]. Algum dia as águas baixariam, os rios retomariam seus leitos. Os campos se cobririam de felpudo, de angola” (PROENÇA, 1989, p. 19). Sair deste espaço não é uma opção neste imaginário pantaneiro. Em *Raízes do Pantanal*, natureza e homem estão imbricados, identificam-se, desafiavam-se e se completam. Nas lembranças que vão sendo costuradas pelo narrador, há uma memória coletiva de um Pantanal explorado por alguns e defendido por outros, “Vi ele lutar, gritar”. E nesta luta de quem resiste está a raiz que nomeia a obra.

Referências

- ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz. O objeto em fuga: algumas reflexões em torno do conceito de Região. *Fronteiras*, Dourados, MS, v. 10, n. 17, jan./jun. 2008, p. 56-67.
- BARROS, José de. *Lembranças para meus filhos e descendentes*. São Paulo, 1959.
- BAUMAN, Zygmunt. *Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi*. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- BEAUVOIR, Simone de. *O segundo sexo: experiência vivida*. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1967.
- BENTES, Anna Christina; MUSSALIM, Fernanda (org.). *Introdução à linguística: domínios e fronteiras*. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2008.
- BORGES, Valdeci Rezende. História e literatura: algumas considerações. *Revista de Teoria da História*, Goiânia, ano 1, n. 3, p. 94-109, jun. 2010.
- DERRIDA, Jacques. *O animal que logo sou*. São Paulo: Ed. Unesp, 2002.
- FINOCCHIO, Ana Lúcia Ferro. *O processo de constituição da identidade: as apreensões e mediações sociais e o ato educativo: um estudo do Paiaguás no pantanal mato-grossense*. 1998. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, 1998.
- LEITE, Eudes Fernando. Uma memória para o Pantanal: “lembranças” de um papabanana. *Diálogos*, Maringá, v. 16, n. 2, 677-706, 2017.
- LEITE, Eudes Fernando. Memórias para a história: Raízes, de Augusto Proença. In: GRÜNE EWALD, Felipe (org.). *Cartografias da voz: poesia e sonora: Tradição e vanguarda*. São Paulo: Letra e Voz, 2011. p. 142-156.
- LEITE, Eudes Fernando; FERNANDES, Frederico Augusto G. Poeiras: experiências literárias e invenções de história. *Antíteses*. Londrina, v. 6, n. 12, p. 417-435, jul./dez. 2013.
- NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. Tradução de Yara Aun Khoury. *Projeto História*, São Paulo, v. 10, p. 7-28, dez. 1993.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992.

POZENATO, José Clemente. *Processos culturais: reflexões sobre a dinâmica cultural*. Caxias do Sul: Edusc, 2003.

PROENÇA, Augusto César. [Entrevista concedida a] Ana Júlia Segatel. Corumbá - MS. 2008. (Fita cassete). 50 min.

PROENÇA, Augusto César. [Entrevista concedida a] Eudes Fernando Leite. Corumbá - MS. 2007. (Fita cassete). 120 min.

PROENÇA, Augusto César. *Raízes do Pantanal*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1989.

RAGO, Margareth. *A aventura de contar: feminismos, escrita de si e invenções da subjetividade*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2013

SCHAMA, Simon. *Paisagem e memória*. São Paulo: Cia das Letras, 1996.

Recebido em 2 de setembro de 2022.

Aprovado em 23 de junho de 2023.

Resumo/Abstract

Raízes do Pantanal: cultura e literatura tecidas por Augusto César Proença

Eudes Fernando Leite e Alexandra Santos Pinheiro

Neste artigo, tomamos a obra *Raízes do Pantanal* (1989), de Augusto César Proença, como *corpus* de análise. Interessa compreender como a tessitura do texto literário recria a cultura, a geografia e as expectativas do homem/da mulher pantaneiro/a. Para identificar o diálogo ininterrupto entre história e literatura presentes na obra de Proença, esta análise, de cunho metodológico bibliográfico, se vale dos estudos de Leite (2011); Schama (1996); Derrida (2002); Finocchio (1998); dentre outras referências que nos auxiliam a ressignificar o Pantanal retratado em *Raízes do Pantanal*. Demonstramos as relações intrínsecas entre o processo histórico e a escritura do autor.

Palavras-chave: *Raízes do Pantanal*, literatura, história, memória, cultura.

Roots of the Pantanal: culture and literature woven by Augusto César Proença

Eudes Fernando Leite and Alexandra Santos Pinheiro

In this article, we take the work *Roots of the Pantanal* (1989), by Augusto César Proença, as a *corpus* of analysis. It is interesting to understand how the fabric of the literary text recreates the culture, geography and expectations of the Pantanal man/woman. To identify the uninterrupted dialogue between history and literature present in Proença's work, this analysis, of a bibliographic methodological nature, uses

the studies of Leite (2011); Schama (1996); Derrida (2002); Finocchio (1998); among other references that help us to re-signify the Pantanal portrayed in *Roots of the Pantanal*. We demonstrate the intrinsic relationships between the historical process and the author's writing.

Keywords: Roots of the Pantanal, literature, history, memory, culture.